

UM PLANO PARA BRASÍLIA

RUBEM BRAGA

EU estou convencido de uma coisa: para acabar com êsses conflitos entre forças policiais-militares e estudantes da Universidade de Brasília, as autoridades deviam cortar o mal pela raiz. E a raiz de todo o mal é precisamente a Universidade de Brasília, isto é, a existência de uma Universidade em Brasília.

Brasília é a sede do Governo. Logo, ali sempre haverá um número grande de policiais e militares. O Governo, pelo menos o tipo de Governo que a Revolução nos deu, é baseado na força policial e na força militar. Dispomos hoje de uma bela variedade de organizações do gênero, uma floreação realmente esplêndida de corpos repressivos, pois cada organização militar tem sua polícia própria e cada organização policial tem sua própria força militar, tudo isto em vários escalões, num amontoado barroco e monumental encimado por várias cúpulas, tais como os Ministros Militares (não sei se a ortografia moderna manda botar o substantivo e o adjetivo com as iniciais maiúsculas, mas acho de bom aviso), o Ministro da Justiça, o Conselho Nacional de Segurança, o Serviço Nacional de Informações e não sei que outras personalidades e congregações santas, sob o mando geral do Marechal Presidente da República, o Pai de Todos.

Tudo isso, é verdade, nos custa um dinheirão, mas parece que vale a pena. Ora, Brasília já tem um grande foco de perturbação, que é o Congresso Nacional, composto de sujeitos que é preciso vigiar, acampinar, gravar as conversas de telefone deles, pressionar, ameaçar e, quando necessário, espancar e(ou) prender. Tanto isso é verdade que, para manter a ordem, a certa altura, já foi preciso ocupar militarmente o Congresso. No fundo o ideal seria que não houvesse Congresso algum, mas isso parece que fica um pouco feio

para efeito exterior; o remédio, a meu ver, seria transferir pelo menos a Câmara dos Deputados para Rio Branco, no Estado de Acre, onde as inconveniências ditas pelos parlamentares teriam ainda menor acústica.

Seja como fôr, a existência de uma Universidade em Brasília é que não tem mesmo cabimento. Uma Universidade é um foco de cultura, e cultura é o que pode haver de mais inconveniente do ponto de vista da Segurança Nacional. As emanações e miasmas oriundas dêsse foco perturbam as mentes.

O dinheiro gasto com o ensino poderia ser proveitosamente empregado no aperfeiçoamento das forças repressivas, importação de material norte-americano de atacar multidões e caçar guerrilheiros. Com algumas adaptações, os atuais edifícios da Universidade poderiam ser aproveitados para razoáveis quartéis, e o «campus», em cuja grama hoje se assentam os estudantes baderneiros, ficaria para o Remonta do Exército. Para que os oposicionistas sistemáticos, a sôldo de Moscou ou de Pequim, não assoalhem que nosso regime é contra a educação, poderiam ser feitos, com a massa de funcionários civis e suas famílias devidamente enquadradas por competentes sargentos, exercícios constantes de ordem unida; como o paisano geralmente é muito folgado e se cansa à toa, êsses exercícios obrigatórios teriam intervalos para repouso, durante os quais, através de alto-falantes seriam ministradas noções de educação moral e cívica. Aos filhos de militares, policiais e agentes do SNI seriam dados cursos de preparação técnica para as carreiras paternas.

Brasília, ao fim de algum tempo, seria não apenas uma capital, mas uma cidade-modélo que serviria de padrão para a gradual instalação da felicidade completa em tôdas as cidades do País.

DN 1.9.68